

Como escolher um sistema médico para clínicas: o guia completo [planilha grátis]

A [escolha de um sistema médico](#) é uma decisão administrativa que irá acompanhar a clínica por muito tempo, ou pelo menos deveria. Diferentemente de um insumo que se substitui a cada compra ou de um fornecedor que se troca sem maiores consequências, o software concentra, ao longo dos anos, o histórico dos pacientes, a organização da agenda, os registros financeiros e a memória documental da operação.

Uma decisão acertada tende a passar despercebida, porque simplesmente funciona; uma decisão equivocada, por outro lado, cobra seu preço de forma contínua, tornando a rotina de trabalho mais complexa, interrompendo atendimentos e, eventualmente, gerando o custo de uma migração que se poderia ter evitado.

Diante disso, comparar sistemas médicos se baseando primariamente no valor da mensalidade é insuficiente. Dois sistemas com preços próximos podem produzir experiências opostas quando confrontados com o dia a dia real de um consultório movimentado, com uma falha de conexão ou com a necessidade de crescer.

Pensando nisso, elaboramos esse guia para orientar a escolha com profundidade, apresentando os critérios que efetivamente diferenciam as soluções disponíveis e a ordem de raciocínio que ajuda o gestor a ponderá-los. O objetivo é oferecer os instrumentos para que cada clínica identifique o sistema mais adequado à sua própria realidade.

Para apoiar essa avaliação, disponibilizamos uma planilha gratuita com a matriz para comparar até três fornecedores, atribuir pesos aos critérios e calcular o custo total de uso.

- [Sinais de que sua clínica precisa de um \(novo\) sistema médico](#)
- [O ponto de partida: mapear necessidades antes de comparar marcas](#)
- [Os critérios essenciais para escolher um sistema médico](#)
- [Testar na prática: os cenários que revelam a qualidade de um sistema + planilha grátis](#)
- [Onde o HiDoctor se destaca](#)
- [Perguntas frequentes](#)



Sinais de que sua clínica precisa de um (novo) sistema médico

Antes de discutir critérios de escolha, vale reconhecer os indícios de que a operação já ultrapassou os limites do que consegue sustentar sem um bom sistema, ou mesmo os indícios de que a solução em uso **deixou de acompanhar as necessidades da clínica**. Esses sinais raramente aparecem em um relatório; eles se manifestam na rotina, de forma silenciosa, até se tornarem um problema evidente.

O primeiro deles costuma ser a agenda. Quando as marcações dependem de anotações manuais ou de ferramentas que não conversam entre si, multiplicam-se as sobreposições de horário, os cancelamentos não registrados e, sobretudo, as faltas — pacientes que esquecem o compromisso porque não houve nenhum tipo de lembrete ou confirmação.

O segundo sinal aparece nas finanças: sem integração entre recebimentos, repasses e faturamento, a clínica perde a visão do próprio caixa e passa a depender de planilhas paralelas que envelhecem rápido.

O terceiro está na dispersão da informação clínica, quando o histórico de um paciente se encontra fragmentado entre papéis, pastas e computadores diferentes, tornando lento e incerto o acesso a dados de que o atendimento depende.

Há, ainda, um sinal menos comentado e particularmente importante: **a indisponibilidade**. Uma clínica que precisa interromper atendimentos porque o computador principal teve problema, ou porque a internet oscilou, convive com uma fragilidade que só se revela no pior momento. Esse ponto

merece registro desde já, pois, como se verá adiante, ele está diretamente ligado a uma decisão técnica frequentemente subestimada no momento da contratação.

O ponto de partida: mapear necessidades antes de comparar marcas

Existe uma tentação natural, ao decidir por um sistema, de começar diretamente pela comparação de fornecedores, assistindo a demonstrações, analisando listas de funcionalidades e confrontando planos oferecidos. Esse caminho, porém, tende a produzir decisões guiadas pela apresentação comercial mais persuasiva, e não pela aderência à rotina real.

A avaliação mais consistente inicia-se em sentido inverso: pela compreensão do próprio modo de trabalho. Somente depois de entender como a clínica opera é que faz sentido perguntar qual sistema a serve melhor.

Esse mapeamento não se resume ao porte da operação. Duas clínicas do mesmo tamanho podem ter prioridades opostas, conforme a especialidade, o perfil dos pacientes e a forma como a equipe trabalha. Dessa forma, é mais produtivo examinar algumas dimensões que atravessam qualquer operação de saúde.

O modo de trabalho e a rotina de atendimento

A primeira dimensão é o funcionamento cotidiano. Uma clínica cujo maior gargalo é a recepção — telefones concorridos, confirmações manuais, filas de espera — beneficia-se sobretudo de agendamento online e automação da comunicação. Já um consultório em que o desafio central é o registro clínico valoriza mais a personalização do prontuário e a agilidade no atendimento. Especialidades com forte componente visual, como a dermatologia, dependem do armazenamento e da comparação de imagens; especialidades de acompanhamento prolongado priorizam a consulta rápida ao histórico. Entender onde está o esforço da equipe orienta quais recursos merecem maior peso.

O que é inegociável e o que é desejável

A segunda dimensão consiste em separar requisitos essenciais de conveniências. Nem tudo que um sistema oferece terá o mesmo valor para uma clínica específica. Faturamento no padrão TISS, por exemplo, é indispensável para quem atende convênios e irrelevante para quem trabalha apenas com atendimento particular. Estabelecer, com honestidade, o que a operação não pode dispensar evita tanto a contratação de módulos que jamais serão usados quanto a descoberta tardia de uma lacuna crítica.

As prioridades de hoje e as que virão com o crescimento

A terceira dimensão projeta a operação no tempo. Um sistema que atende bem no primeiro ano pode revelar-se limitado quando a clínica incorpora novos profissionais, abre unidades, passa a atender convênios ou amplia o volume de pacientes. Avaliar a capacidade de a solução acompanhar esse crescimento — em usuários, em módulos e em complexidade — reduz o risco de uma substituição precoce, que é justamente um dos custos mais altos e menos visíveis dessa decisão.

As restrições concretas da operação

A quarta dimensão reúne as condições materiais que **limitam ou condicionam a escolha**, como a estabilidade da conexão de internet no local, o grau de familiaridade da equipe com tecnologia, o orçamento disponível e as exigências específicas da especialidade. Esse são alguns dos fatores que, embora pouco glamourosos, definem se determinada solução funcionará na prática ou apenas na teoria.

Da leitura conjunta dessas dimensões emerge uma conclusão que vale para qualquer clínica, independentemente do porte: os critérios mais decisivos costumam ser aqueles que só se manifestam sob pressão, como quando a internet cai, quando a equipe cresce, quando surge a necessidade de recuperar um dado antigo ou de trocar de fornecedor. É por isso que atributos como disponibilidade das informações, posse dos dados e solidez de quem fornece o sistema, discutidos nas próximas seções, tendem a pesar mais do que a extensão da lista de funcionalidades.

Ao organizar esse mapeamento das necessidades reais da clínica, algumas perguntas ajudam a consolidar o diagnóstico:

- Qual é, hoje, o principal ponto de estrangulamento da rotina: recepção, registro clínico, finanças, comunicação com pacientes, ou outro?
- Que recursos a clínica não pode dispensar em nenhuma hipótese, e quais seriam apenas convenientes?
- Como a operação deve estar em dois ou três anos, de acordo com seu plano de negócios, e o sistema acompanha esse cenário sem exigir troca?
- A continuidade do atendimento é garantida por uma conexão estável, ou há necessidade de disponibilizar acesso mesmo sem internet?
- A equipe conseguirá adotar a ferramenta com o treinamento oferecido, considerando seu nível de familiaridade com tecnologia?

Os critérios essenciais para escolher um sistema médico

Com as necessidades mapeadas, torna-se possível avaliar as soluções por aquilo que efetivamente as distingue. Os [critérios de escolha](#) a seguir estão dispostos do mais fundamental ao mais complementar, embora a prioridade relativa dependa das dimensões examinadas anteriormente. O que se pretende, em cada um, é ir além da existência do recurso e observar como ele se comporta na prática.

1. Prontuário e agenda: profundidade acima da presença

Prontuário eletrônico e agenda constituem a base de qualquer sistema médico, e por isso mesmo é fácil supor que todos os oferecem de maneira equivalente. A diferença está nos detalhes de uso. Um prontuário verdadeiramente útil permite adaptar a ficha à lógica de cada especialidade, encontrar qualquer informação no histórico com rapidez, anexar exames e imagens de forma prática e emitir documentos sem sair do fluxo de atendimento.

Quando o registro é rígido, o profissional acaba criando anotações fora do sistema, o que fragmenta a informação e anula boa parte do benefício da digitalização.

No HiDoctor, essa flexibilidade se materializa no HiDoctor Forms, que possibilita criar formulários próprios, com tabelas, gráficos e calculadoras, e ainda importar modelos elaborados por outros médicos da mesma especialidade.

A agenda, por sua vez, deve ser avaliada além do calendário. Convém observar se admite múltiplas visões, encaixes, bloqueios, acompanhamento do status de atendimento e, principalmente, se está integrada ao prontuário e ao cadastro, de modo que cada compromisso conduza naturalmente ao histórico do paciente e aos registros associados. A integração entre agenda e prontuário é o que transforma dois recursos isolados em um fluxo único de trabalho.

2. Modelo de operação: a decisão que define a disponibilidade

Talvez nenhum critério seja tão determinante e, ao mesmo tempo, tão negligenciado quanto o modelo de operação do sistema. Ele costuma ser tratado como uma questão técnica secundária, quando na verdade define algo central: se a clínica [terá acesso às suas informações](#) sempre que precisar delas. Há três arquiteturas predominantes, e a diferença entre elas aparece com nitidez diante de uma falha.

Os [sistemas exclusivamente em nuvem](#) são acessados pela internet e mantêm os dados em servidores do fornecedor. Eles facilitam o acesso remoto e as atualizações, mas subordinam toda a operação à conexão: se a internet do consultório oscila ou se a estrutura do fornecedor fica indisponível, o acesso ao prontuário e à agenda é interrompido.

Os **sistemas locais ou desktop** funcionam instalados nos equipamentos da clínica, o que lhes confere independência em relação à internet, mas ao custo de maior atenção a backup, manutenção e segurança interna, além de limitação da mobilidade.

Os **sistemas híbridos**, por fim, combinam as duas lógicas: mantêm uma base local para funcionamento offline e, simultaneamente, oferecem acesso online aos dados sincronizados na nuvem, buscando reunir independência e mobilidade.

A chave para entender a diferença real entre esses modelos não está em como o sistema se comporta quando tudo funciona como esperado, e sim no que acontece quando algo falha. Um software que só existe enquanto há conexão estável com a internet transfere para a operação um risco que nem sempre é percebido na demonstração comercial. O quadro abaixo resume o compromisso de cada arquitetura.

Modelo	O que favorece	O que exige atenção
Em nuvem	Acesso remoto e atualizações centralizadas, com pouca infraestrutura local	Toda a operação depende da estabilidade da internet e do fornecedor
Local ou desktop	Independência da conexão e desempenho estável no equipamento	Responsabilidade da clínica sobre backup, manutenção e segurança, e mobilidade limitada
Híbrido	Reúne funcionamento offline com acesso online e sincronia dos dados	Configuração inicial mais cuidadosa e clareza sobre a sincronização

Para clínicas em que a interrupção do atendimento não é uma opção, o modelo híbrido oferece a maior margem de segurança, por não condicionar o uso do sistema à qualidade da internet ou à infraestrutura do fornecedor (questões que estão fora do controle da clínica). Esse é um dos pontos em que o HiDoctor se diferencia de forma mais acentuada, conforme detalhado na seção específica sobre o sistema.

Nuvem, local ou híbrido: o que acontece quando a internet cai?

Compare os modelos de operação e entenda como cada um se comporta com e sem conexão.

 Em nuvem Sistema acessado via internet	 Local Sistema instalado no consultório	 Híbrido Uso local e em nuvem
 Acesso de qualquer lugar, a qualquer momento. ✓ Quando tudo funciona  Acesso pela internet, com mobilidade e centralização. Consulte no consultório, em casa ou em outras unidades. ✗ Quando a internet cai  O acesso ao sistema é interrompido até a conexão voltar. Mobilidade, mas dependência da conexão.	 Dados armazenados na própria clínica ou consultório. ✓ Quando tudo funciona  Funciona no consultório, com dados armazenados localmente. Atendimento normalmente na sua clínica. ⚠ Quando a internet cai  Continua funcionando no local, mas sem mobilidade. Atendimentos seguem normalmente na clínica, sem acesso remoto. Autonomia local, mas acesso restrito.	 O melhor dos dois mundos: segurança local e mobilidade na nuvem. ✓ Quando tudo funciona  Une uso local e mobilidade, com dados sincronizados. Atenda no consultório e em outros locais, com as informações sempre atualizadas. ✓ Quando a internet cai  O trabalho local <u>continua</u> e a sincronização acontece depois. Seus atendimentos não param. Os dados são sincronizados quando a conexão voltar. Continuidade + mobilidade com sincronização.



Leitura rápida

- Na rotina normal, os três modelos podem atender bem.
- A diferença aparece quando a conectividade falha.
- O modelo híbrido combina continuidade local e mobilidade.



HiDoctor
SISTEMA MÉDICO INTELIGENTE

3. Segurança, conformidade e controle sobre os dados

Um sistema médico administra dados sensíveis, e a segurança deve ser encarada como requisito de entrada, não como diferencial. A guarda de registros clínicos está sujeita a um arcabouço normativo específico, entre outros, a Resolução CFM nº 1.821/2007^[1], relativa à validade e à integridade do prontuário eletrônico, e a Lei Geral de Proteção de Dados^[2], que impõe obrigações a qualquer solução que trate informações de saúde.

Na avaliação prática, convém confirmar a existência de controle de acesso por perfil, criptografia, backup, registro de acessos e, quando aplicável, assinatura digital em padrão ICP-Brasil, recurso que, no HiDoctor, se aplica inclusive à assinatura do próprio prontuário, e não apenas de receitas, atestados e outros documentos médicos.

Há, porém, um aspecto de segurança que raramente entra na conversa e merece igual atenção: o controle sobre os próprios dados. Antes de contratar, é prudente verificar se a clínica terá **posse real dos dados**, podendo, por exemplo, manter uma cópia salva em seu próprio equipamento e realizar backup em mídia física. Um sistema que ofereça a posse dos dados ao médico, em contraste com manter os dados apenas no servidor utilizado pelo sistema, garante que o médico continue podendo acessar suas informações mesmo se em algum momento cancelar a assinatura. Outro ponto a verificar é se será possível exportar prontuários, agenda e cadastros caso a clínica decida, no futuro, trocar de sistema.

Essas perguntas, feitas cedo, evitam uma situação em que a operação se torna refém do fornecedor devido à dificuldade de recuperar aquilo que sempre foi seu.

No HiDoctor, a estrutura híbrida permite essa posse dos dados, que ficam salvos no computador em que o software está instalado. Dessa forma, enquanto o médico mantiver o software instalado e a base de dados segura, ainda que cancele a assinatura e/ou migre para outro fornecedor, seus dados permanecerão disponíveis para acesso pois estão sob seu controle, e não em servidores de terceiros.

4. Gestão financeira e faturamento

Para além do atendimento, muitas clínicas precisam que o sistema sustente a administração do negócio: orçamentos, contas a pagar e a receber, fluxo de caixa, repasses, estoque e faturamento. Quando esses processos estão desconectados do atendimento, proliferam planilhas paralelas e duplicidades que comprometem a visão gerencial.

Para quem atende convênios, a integração com o padrão TISS é frequentemente decisiva, pois conecta a geração de guias e o faturamento junto às operadoras aos dados do atendimento, facilitando o processo.

O HiDoctor cobre essas camadas com o módulo Financeiro, voltado a lançamentos e fluxo de caixa, e com o HiDoctor GS, que reúne controle de estoque, faturamento, gestão de contas e repasses, além do faturamento TISS nos padrões vigentes, com emissão de guias de consulta e de SP/SADT.

Ainda que nem todo consultório precise dessa estrutura desde o início, a possibilidade de incorporá-la à medida que a operação cresce evita uma troca de sistema no futuro.

5. Comunicação e relacionamento com pacientes

A comunicação com o paciente é parte da rotina administrativa, e um bom sistema a incorpora em vez de deixá-la a cargo de ferramentas avulsas. Confirmações, lembretes e campanhas de marketing e/ou saúde reduzem faltas e aproximam a clínica de sua base.

Vale distinguir, contudo, dois objetivos que nem sempre andam juntos: organizar o relacionamento com os pacientes já existentes e captar novos pacientes por meio de presença digital. O peso de cada um varia conforme o momento da clínica.

O HiDoctor contempla ambos: no relacionamento, oferece [confirmação de consultas](#) por SMS e WhatsApp com resposta registrada na própria agenda, envio de mensagens ao paciente a partir do prontuário e campanhas de marketing médico por e-mail, SMS ou WhatsApp; na presença digital, disponibiliza a criação de site próprio, o aplicativo de relacionamento MedBook e o perfil no CatalogoMed, um dos maiores diretórios de médicos do país, que também alimenta o agendamento online.

6. Inteligência artificial: capacidade real e integração ao atendimento

A presença de inteligência artificial está cada vez mais comum nos sistemas médicos, o que torna a simples menção ao recurso pouco informativa. A pergunta relevante não é se o sistema tem IA, mas o que ela realiza e como se integra ao atendimento.

Convém verificar:

- se a ferramenta apenas transcreve o áudio ou também organiza as informações em formato clínico estruturado;
- se está incorporada ao prontuário ou funciona à parte;
- se o profissional revisa o conteúdo antes de registrá-lo;
- e se a análise considera o histórico do paciente ou somente a consulta em curso.

No HiDoctor, a inteligência artificial se organiza em torno do [HiDoctor LIVE](#), que transcreve o atendimento, estrutura a anamnese em tempo real e gera resumos no formato de preferência do médico, e do [HiDoctor Neo](#), um assistente que pode consultar registros selecionados do histórico do

paciente para localizar informações, responder perguntas, realizar cálculos e apoiar a elaboração de documentos. Em ambos os casos, a validação final permanece com o profissional, o que preserva o controle clínico sobre o registro, princípio que deve orientar a avaliação de qualquer recurso de IA em saúde.

7. Mobilidade e acesso em múltiplos contextos

A capacidade de acompanhar o profissional em diferentes situações de trabalho é especialmente relevante para quem atende em mais de um endereço ou precisa consultar informações fora do consultório. Importa verificar não apenas se há acesso por software instalado, sistema web e aplicativo, mas se é possível, além de consultar, também registrar informações, mesmo quando não há conexão.

É aqui que a arquitetura híbrida do HiDoctor se traduz em uso concreto: além da disponibilidade nos computadores com o programa instalado e pela internet em qualquer equipamento, há também o aplicativo [HiDoctor Mobile](#) que permite acessar prontuários e agenda mesmo sem internet e, mais do que isso, incluir novos textos e arquivos offline, que são enviados ao servidor assim que a conexão é restabelecida, mantendo os dados sincronizados entre as diferentes interfaces.

8. O fornecedor por trás do sistema

Ao contratar um sistema médico, a clínica também [contrata a empresa](#) que o mantém. Atualizações, correções, suporte e continuidade do produto dependem dela, o que torna o histórico e a confiabilidade do fornecedor um critério tão relevante quanto a lista de funcionalidades.

Vale considerar há quanto tempo a empresa atua especificamente com software médico, se esse é o centro de sua atividade e como é o suporte oferecido em termos de horários de atendimento, facilidade de acesso e resolutividade. Busque por avaliações e comentários online feitos por usuários para entender a dinâmica da relação com a empresa.

O HiDoctor é desenvolvido pela Centralx desde 1993, o que representa mais de três décadas de dedicação a sistemas para a área médica, um histórico que oferece previsibilidade quanto à continuidade e à evolução do produto.

9. Custo total: além da mensalidade

O valor anunciado raramente corresponde ao custo real de um sistema médico. Uma boa comparação deve considerar também o número de usuários, os módulos cobrados à parte, os créditos de mensagens, a implantação, o treinamento e a migração de dados, caso esteja mudando de sistema.

A esses itens soma-se um custo invisível, porém concreto: o tempo perdido com dificuldade de uso, instabilidade ou, no limite, a necessidade de trocar de sistema antes do previsto. O quadro a seguir organiza os componentes que compõem esse custo total.

Componente	Por que pesa na comparação
Mensalidade	É o valor mais visível, mas apenas uma parte do investimento
Usuários adicionais	O custo pode escalar conforme a equipe cresce
Módulos à parte	IA, telemedicina, mensagens ou faturamento podem ser cobrados separadamente
Implantação e treinamento	Determinam a adesão da equipe e o tempo até o uso pleno
Migração de dados	Trocar de sistema exige exportar, importar e reorganizar registros
Instabilidade e suporte	Falhas recorrentes afetam atendimentos, faturamento e produtividade

A conclusão desse cálculo é menos óbvia do que parece: o sistema de menor mensalidade pode se revelar o mais caro se gerar trabalho extra ou limitar o crescimento, ao passo que uma solução mais robusta se justifica quando reúne, em um único ambiente, recursos que de outro modo exigiriam várias contratações avulsas.

Testar na prática: os cenários que revelam a qualidade de um sistema

Nenhuma demonstração comercial substitui a experiência de submeter o sistema à rotina da própria clínica. Um período de teste bem aproveitado não deve se limitar a percorrer telas prontas, mas sim reproduzir as situações em que o software será realmente exigido. Três cenários, em particular, tendem a revelar aquilo que uma apresentação dificilmente mostra.

- **O dia cheio**

Vale simular uma jornada completa de atendimento: cadastrar um paciente, agendar e confirmar a consulta, abrir o prontuário, registrar a evolução, anexar um exame, emitir uma receita ou atestado e lançar um pagamento. Esse percurso evidencia se o sistema é ágil sob volume ou se cada etapa introduz uma fricção que, multiplicada por dezenas de atendimentos, consome o tempo da equipe.

- **A falha de conexão**

Deliberadamente, convém observar o que acontece quando a internet é interrompida durante o uso. Esse teste, quase nunca conduzido antes da contratação, é o que melhor distingue os modelos de operação discutidos anteriormente e revela se a clínica permanece funcional ou fica paralisada diante de uma oscilação da rede.

- **A troca futura**

Ainda durante a avaliação, é oportuno perguntar como se daria a saída daquele sistema: se a posse e o consequente acesso aos dados são mantidos, e se os dados podem ser exportados e em que formato. A resposta antecipa o grau de autonomia que a clínica manterá ao longo da relação com o fornecedor.

Convém, por fim, envolver no teste as pessoas que usarão o sistema todos os dias. O médico avaliará o prontuário e a emissão de documentos; a secretária, a agenda e as confirmações; o gestor, o financeiro e os relatórios. Uma escolha equilibrada nasce da soma dessas perspectivas, e não de uma avaliação isolada.

Para conduzir essa avaliação com método, utilize a planilha gratuita que preparamos: ela reúne a matriz para comparar até três fornecedores, atribuir pesos aos critérios, registrar observações durante o teste e calcular o custo total de uso.



Onde o HiDoctor se destaca

Ao longo deste guia, o HiDoctor foi mencionado como referência em pontos específicos. Reunidos, esses pontos revelam a lógica que orienta o sistema e o perfil de clínica para o qual ele foi concebido.

O **HiDoctor** dirige-se, sobretudo, a médicos e clínicas que valorizam a continuidade do atendimento, o controle sobre as próprias informações e a integração entre o trabalho clínico e a gestão, sem abrir mão da mobilidade.

Sua característica mais distintiva é a arquitetura híbrida. O sistema funciona instalado no computador, com base local que garante desempenho e independência da conexão, enquanto o acesso online e o aplicativo móvel — este último capaz de operar mesmo offline — asseguram a mobilidade, com sincronização dos dados entre os pontos de acesso. Sobre essa fundação, o HiDoctor reúne os demais recursos avaliados neste guia, conforme sintetiza o quadro a seguir.

Critério discutido	Como o HiDoctor responde
Disponibilidade e continuidade	Arquitetura híbrida: base local no desktop, acesso online e aplicativo (HiDoctor Mobile) com prontuário e agenda offline e sincronização automática
Prontuário adaptável	HiDoctor Forms, com formulários personalizáveis por especialidade e biblioteca de modelos prontos para uso
Segurança e controle dos dados	Assinatura digital ICP-Brasil, aplicável inclusive ao prontuário, controle de acesso, backup e posse real dos dados
Inteligência artificial	HiDoctor LIVE (transcrição, anamnese e resumos) e HiDoctor Neo (assistente clínico contextualizado), sempre com validação do médico
Gestão e faturamento	Módulo Financeiro e HiDoctor GS (estoque, faturamento, contas e repasses), com faturamento TISS nos padrões vigentes
Relacionamento e presença digital	Confirmação por SMS e WhatsApp, marketing médico, site próprio, MedBook e perfil no CatalogoMed
Solidez do fornecedor	Desenvolvido pela Centralx desde 1993, com mais de três décadas dedicadas a software médico

Não se trata de afirmar que o HiDoctor é a resposta para todos os perfis. Clínicas cuja prioridade seja exclusivamente a implantação online mais simples, ou estratégias centradas em marketplace, podem encontrar em outras soluções um encaixe melhor. Mas, para as operações que colocam a disponibilidade das informações, o controle sobre os dados, a integração entre atendimento e gestão e a confiança no fornecedor no centro da decisão, o HiDoctor merece figurar entre as opções comparadas, de preferência submetido ao teste com o fluxo real da clínica, como recomendado ao longo deste guia.

Conheça o HiDoctor em 3 minutos

Perguntas frequentes

Existe um melhor sistema médico para clínicas?

Não em termos absolutos. A adequação de um sistema depende do modo de trabalho da clínica, da especialidade, do volume de atendimentos, da necessidade de faturamento por convênios e das prioridades de crescimento. Ainda assim, alguns critérios tendem a pesar mais do que aparentam no momento da escolha, como o modelo de operação, pois define se a clínica manterá acesso às suas informações mesmo diante de uma falha de conexão. O caminho mais seguro é mapear as necessidades da operação e avaliar cada solução à luz desses critérios, em vez de buscar um vencedor universal.

Vale mais a pena um sistema em nuvem ou um sistema instalado?

Cada modelo atende melhor a um contexto. A nuvem privilegia o acesso remoto e a simplicidade de implantação, mas depende da conexão; o sistema instalado oferece independência da internet, ao custo de maior responsabilidade sobre a manutenção e menos mobilidade. As soluções

híbridas procuram combinar as vantagens dos dois, mantendo funcionamento offline com sincronização online.

Por que o funcionamento offline é considerado importante?

Porque a indisponibilidade costuma se manifestar no pior momento. Em locais com conexão instável, ou em operações que não podem interromper o atendimento, a capacidade de acessar e registrar informações sem depender da internet evita paralisações. Esse é um dos motivos pelos quais o modelo de operação merece atenção antes da contratação.

Quanto custa um sistema médico?

O preço varia conforme as funcionalidades, o número de usuários e os módulos incluídos. Mais relevante do que a mensalidade isolada é o custo total de uso, que incorpora implantação, treinamento, migração de dados, módulos adicionais e o tempo eventualmente perdido com instabilidade ou com uma troca precoce de sistema.

Como avaliar a inteligência artificial de um sistema médico?

Observando o que ela efetivamente faz. É pertinente verificar se apenas transcreve ou também organiza as informações em formato clínico, se está integrada ao prontuário, se permite a revisão do profissional antes do registro e se considera o histórico do paciente. A IA deve reduzir o trabalho administrativo sem retirar do médico o controle sobre o registro.

...

Escolher um sistema médico é comprometer-se com uma decisão de longo prazo, que influenciará diretamente a organização das informações clínicas, os documentos, as finanças e a comunicação com os pacientes. Por isso, a avaliação madura olha além do preço e da aparência da interface. Ela começa pela compreensão das próprias necessidades e prossegue pela análise dos critérios que se revelam sob pressão: a disponibilidade das informações, o controle sobre os dados, a integração entre atendimento e gestão e a confiança em quem fornece a solução.

O sistema mais completo em uma demonstração nem sempre é o mais acertado no dia a dia. A escolha que se sustenta ao longo dos anos é a que continua funcionando quando a clínica está em pleno atendimento, quando cresce, quando a conexão falha e quando é preciso confiar que os dados estarão onde deveriam.

O [HiDoctor](#) é o único sistema multiplataforma para consultórios e o software mais utilizado por médicos e clínicas no Brasil. A Centralx conta com mais de 30 anos de experiência no desenvolvimento de tecnologias para a área médica. Conheça e experimente gratuitamente:

Conheça o HiDoctor®: software médico completo para todas as plataformas

Quero conhecer

0800 979 0400



Referências

[1] RESOLUÇÃO CFM nº 1.821/2007.

[2] LEI nº 13.709/2018 (LGPD).

Artigo original disponível em:

"Como escolher um sistema médico para clínicas: o guia completo [planilha grátis] " - **HiDoctor News**

Centralx®